

Copom vê impacto da guerra no Oriente Médio na inflação

Colegiado reforça cautela diante de incerteza com conflito entre EUA e Irã

/ CONJUNTURA

O Comitê de Política Monetária (Copom) vê impacto do conflito no Oriente Médio sobre a inflação e piora nas expectativas para prazos mais longos, mostra ata divulgada pelo Banco Central ontem.

Na última quarta-feira, o Copom repetiu o corte de 0,25 ponto percentual na taxa básica de juros (Selic), de 14,75% para 14,5% ao ano, e reforçou a necessidade de cautela diante da incerteza provocada pela guerra no Irã.

O colegiado do Banco Central optou por um ajuste conservador depois de ver as projeções para inflação mais distantes da meta de 3% e não sinalizou abertamente o rumo de seus próximos movimentos, evitando se comprometer antecipadamente com os ajustes

futuros.

“As últimas divulgações de inflação, tanto ao consumidor quanto ao produtor, mostraram sinais claros de efeitos dos conflitos geopolíticos no Oriente Médio, situando-se em valores significativamente acima dos inicialmente esperados”, afirmou.

“Para além dos efeitos dos conflitos, mantém-se, de um lado, a interpretação de uma inflação pressionada pela demanda e que requer uma política monetária contracionista e, de outro, a interpretação de que a política monetária tem contribuído de forma determinante para a desinflação observada”, acrescentou.

Segundo o comitê, desde o encontro anterior, de março, ficou “evidente” uma piora adicional nas expectativas de inflação, em

particular para 2028.

O alvo central do BC é 3%, com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para mais ou para menos. No atual modelo, de meta contínua, o objetivo é considerado descumprido quando a inflação acumulada permanece durante seis meses seguidos fora do intervalo, que vai de 1,5% (piso) a 4,5% (teto).

No cenário de referência do Copom, a estimativa de inflação para este ano saltou de 3,9% para 4,6%. Para 2027, o comitê vê a inflação em 3,5%. No último encontro, quando mirava o terceiro trimestre do ano que vem, a projeção estava em 3,3%.

O colegiado voltará a se reunir nos dias 16 e 17 de junho, no quarto dos oito encontros previstos para o ano.

Resultado negativo dos Correios pode chegar a R\$ 10 bilhões neste ano

O ministro da Fazenda, Dario Durigan, admitiu, em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura, na noite da segunda-feira, que os Correios têm um problema, mas que a nova gestão da estatal está buscando equacioná-lo. “É inegável, eles tiveram um resultado ruim, teve uma troca de gestão, o Emmanoel [Rondon], que é o atual presidente dos Correios, apresentou um plano que é muito bom, que envolve uma série de medidas de cortar gasto, aprimorar receita, fazer parcerias internacionais, parcerias dentro do País, e é com base nesse plano de reestruturação que nós temos acompanhado esse Correios do futuro”, disse o ministro.

Durigan lembrou que em 2025 os Correios tiveram um resultado negativo de R\$ 4 bilhões e, para 2026, espera-se desempenho ainda pior, talvez na casa dos R\$ 10 bilhões. “Mas, de novo, é uma questão que nós temos que encarar de frente. Os Correios têm um ônus, que é entregar a

universalidade para o País todo. Quando você fala com agentes privados, eles dizem que a ‘gente é mais eficiente que os Correios, mas eu não entrego notificação judicial para a população ribeirinha no Amazonas’. Não entrega, os Correios entregam.”

“E, para fazer isso, ele tem um déficit maior na operação. Então, de fato, tem um déficit que existe nos Correios, que precisa ser endereçado, e eu sou o maior defensor disso, não defendo estatal deficitária. Estatal deficitária tem que ter outra saída, outra solução”, afirmou o ministro.

Questionado sobre privatização, Durigan disse não ter problema com a opção, mas ressaltou: “Também não acho que privatização seja saída fácil, porque para muita gente é ‘privatiza tudo’. Não privatizou nada, o presidente Lula acabou privatizando mais do que o governo anterior, ou fazendo concessão. Então, não acho que seja bala de prata também”.

Motta trata fim da 6x1 sem perda salarial como inegociável

O relator da comissão especial sobre a escala 6x1, deputado federal Leo Prates (Republicanos-BA), afirmou que é inegociável dar fim ao modelo de seis dias de trabalho semanais, segundo orientações do presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB). As declarações ocorreram, ontem, após uma reunião de integrantes da comissão com representantes de centrais sindicais.

Prates disse ainda que essa é a posição também do deputado Alencar Santana (PT-SP), presidente da comissão especial.



Parlamentar orientou relator da proposta na comissão especial

“Tem duas premissas que o presidente Alencar e o presidente Hugo Motta colocaram como inegociáveis: o fim da escala 6x1 e a não redução salarial. Dentro dessas premissas, nós vamos tentar minorar o que tiver que ser minorado para o setor produtivo”, declarou o parlamentar.

O fim da escala 6x1 contraria as reivindicações de entidades que representam empresários no sentido de não mexer nos dias trabalhados por semana, mas sim, alterar somente a carga horária de 44 horas para 40 horas. Setores do empresariado também defendem a criação de compensações para os empregadores e um período de transição prolongado.

A comissão especial iniciou os trabalhos ontem com a função de discutir o mérito da proposta. A previsão é de que a votação ocorra até o fim deste mês. “Nós vamos ter audiências em Minas (Gerais), vamos ter em São Paulo, Rio Grande do Sul, pelo menos”, disse Alencar Santana. “Mas há ali outros pedidos, nós vamos analisar hoje na deliberação dos requerimentos e ver de que maneira trabalhar também para permitir que a gente possa chegar eventualmente a outros Estados”, acrescentou.

Olha só quem é **tri** decisivo no desenvolvimento do Estado.

Muita gente fala em desenvolvimento. Mas, quem de fato traz desenvolvimento para o Rio Grande do Sul? Hoje, existem mais de **52 mil indústrias** em todo o Estado ligadas ao Sistema FIERGS - são **pequenas, médias e grandes indústrias** gerando 27% do PIB do Estado. Com inovação constante, o setor industrial **melhora o futuro e o presente**. Ser **tri** realmente faz parte da nossa indústria.

Sistema
FIERGS
SESI | SENAI | IEL | CIERGS

Mês da indústria.
A indústria é **tri**.

in-
dús-
tria